

EMBATES IDEOLÓGICOS EM TORNO DO ALUNO: A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DOS ENSINAMENTOS DE PAULO FREIRE

IDEOLOGICAL CLASHES AROUND STUDENT: LITERACY IN BRAZIL BASED ON THE TEACHINGS OF PAULO FREIRE

CHOQUES IDEOLÓGICOS EN TORNO AL ALUMNO: LA ALFABETIZACIÓN EN BRASIL A PARTIR DE LAS ENSEÑANZAS DE PAULO FREIRE

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos¹ 0000-0002-1861-0902

¹Universidade Federal de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil; douglas.pestana@unifesp.br

RESUMO:

Este estudo acadêmico oferece uma análise da alfabetização no Brasil, examinando-a através da lente teórica e pedagógica de Paulo Freire, um dos mais influentes educadores do século XX. A pesquisa se dedica a explorar a ressonância e o impacto das teorias freireanas no domínio da alfabetização, destacando como suas metodologias inovadoras e transformadoras têm reconfigurado o panorama educacional brasileiro. O artigo delinea o contexto histórico e sociocultural que precipitou a emergência dos métodos freireanos de alfabetização, dando ênfase especial à centralidade da conscientização e da pedagogia crítica no processo educativo. Além disso, o trabalho realça as significativas contribuições de Freire à promoção da justiça social e da equidade através do prisma educacional.

Palavras-chave: alfabetização; Paulo Freire; ideologias; pedagogia crítica; justiça social.

ABSTRACT:

This academic study offers an analysis of literacy in Brazil, examining it through the theoretical and pedagogical lens of Paulo Freire, one of the most influential educators of the 20th century. The research is dedicated to exploring the resonance and impact of Freirean theories in the field of literacy, highlighting how his innovative and transformative methodologies have reconfigured the Brazilian educational landscape. The article outlines the historical and socio-cultural context that precipitated the emergence of Freirean literacy methods, placing special emphasis on the centrality of awareness and critical pedagogy in the educational process. Furthermore, the work highlights Freire's significant contributions to the promotion of social justice and equity through the educational prism.

Keywords: literacy; Paulo Freire; ideologies; critical pedagogy; social justice.

RESUMEN:

Este estudio académico ofrece un análisis de la alfabetización en Brasil, examinándola a través del lente teórico y pedagógico de Paulo Freire, uno de los educadores más influyentes del siglo XX. La investigación se dedica a explorar la resonancia e impacto de las teorías freireanas en el dominio de la alfabetización, destacando cómo sus metodologías innovadoras y transformadoras han reconfigurado el panorama educativo brasileño. El artículo delinea el contexto histórico y socio-cultural que precipitó la emergencia de los métodos de alfabetización freireanos, dando énfasis especial a la centralidad de la concienciación y la pedagogía crítica en el proceso educativo. Además, el trabajo resalta las significativas contribuciones de Freire a la promoción de la justicia social y la equidad a través del prisma educativo.

Palabras clave: alfabetización; Paulo Freire; ideologías; pedagogía crítica; justicia social.

Notas introdutórias

Paulo Freire, renomado pedagogo brasileiro, deixou um legado duradouro no campo da educação e da alfabetização. Seus ensinamentos revolucionaram a abordagem tradicional de ensino e alfabetização, enfatizando a importância da conscientização, do diálogo e da pedagogia crítica. Neste artigo, exploraremos como as ideias de Paulo Freire moldaram a alfabetização no Brasil e contribuíram para a construção de um sistema educacional mais inclusivo e igualitário.

O Brasil enfrentou desafios significativos em relação à alfabetização, especialmente em meados do século XX. Altas taxas de analfabetismo estavam intimamente ligadas à desigualdade social e à falta de acesso à educação de qualidade. Paulo Freire emergiu como um defensor incansável da alfabetização como um ato político e social, especialmente para os marginalizados.

Freire enfrenta na atualidade contantes tentativas de descredito do amplo legado que deixara:

"Estou procurando alguém para ser ministro da Educação que tenha autoridade. Que expulse a filosofia de Paulo Freire. Que mude os currículos escolares para aprender química, matemática, português, e não sexo". Jair Messias Bolsonaro ¹

Joga-se novamente luz a fala proferida pelo Presidente Jair Bolsonaro como epígrafe do texto destacou a polarização e os debates acalorados em torno das ideias de Paulo Freire e sua influência na educação brasileira.

Em primeiro lugar, destaca-se a discordância em relação à afirmação de que o legado de Paulo Freire estaria ultrapassado, citando o momento político atual no Brasil, que apresenta semelhanças com o contexto em que Freire desenvolveu suas teorias. Essa argumentação sugere que as ideias de Freire continuam relevantes para abordar os desafios enfrentados pela educação no país, especialmente em relação à ameaça à democracia e aos direitos das minorias.

A ênfase no método fônico em oposição ao letramento e ao pensamento de Paulo Freire levanta questões sobre a abordagem escolhida para lidar com o problema do analfabetismo no Brasil.

Além disso, é importante contextualizar quem foi Paulo Freire e sua importância na educação brasileira e internacional. Sua ênfase na educação de jovens e adultos e na pedagogia crítica é destacada como uma contribuição significativa para a teoria e a prática da educação.

¹ Revista Veja, Editora Abril, Edição 2608 - ano 51, n. 46, p. 74, em 14 de novembro de 2018.

É importante considerar um posicionamento crítico em relação às políticas e abordagens educacionais atuais, enfatizando a importância da pesquisa como parte integrante da formação profissional que lida diariamente com o ato educativo nas escolas regulares em todo o solo brasileiro. Observa-se nesse contexto e a importância de considerar diferentes perspectivas e evidências na formulação de políticas educacionais.

Paulo Freire propôs uma abordagem inovadora para a alfabetização, baseada no diálogo e na conscientização. Seu método, conhecido como "educação problematizadora", buscava não apenas ensinar as habilidades de leitura e escrita, mas também promover a compreensão crítica do mundo e a capacidade de agir para transformá-lo.

Os ensinamentos de Freire inspiraram programas de alfabetização em todo o Brasil, incluindo o famoso Movimento de Cultura Popular (MCP). Esses programas alcançaram sucesso notável ao elevar a taxa de alfabetização e empoderar comunidades marginalizadas.

Carvalho (2005, p. 43) afirmou que Freire, "é o educador brasileiro mais conhecido internacionalmente pela sua contribuição à teoria e à prática da educação de jovens e adultos". O seu trabalho, transcendeu a alfabetização e influenciou a educação como um todo. Sua pedagogia crítica, centrada na libertação, fortaleceu a luta por uma sociedade mais justa e igualitária. A educação deixou de ser vista como uma mera transmissão de conhecimento e se tornou uma ferramenta de empoderamento social.

Pedagogia da autonomia e a alfabetização

É preciso que a gente vá se inteirando mais dos achados que esses pesquisadores vêm fazendo no campo da psicolinguística, sociolinguística, mas, ao mesmo tempo, e aí vem a segunda coisa que a gente percebe, é que a sociolinguística, a psicolinguística, as pesquisas que estão fazendo não resolvem, não explicam a relação alfabetização e cidadania. Eu queria deixar isso muito claro. O que eu quero dizer é que a contribuição dos cientistas, dos pesquisadores no campo do sócio e da psicolinguagem e linguística, os seus achados, não são suficientes, não têm a autonomia, no sentido epistemológico da palavra, para explicar a relação entre cidadania e alfabetização. A explicação última é a da ciência política (FREIRE, 2014, p. 156).

A discussão sobre métodos de alfabetização é uma questão complexa e crucial no contexto educacional brasileiro. A diversidade de abordagens e teorias que permeiam esse debate reflete a riqueza e complexidade da educação no país. As universidades desempenham um papel fundamental na pesquisa e no desenvolvimento de métodos de alfabetização, uma vez que são locais privilegiados para a produção científica. Isso naturalmente resulta em uma diversidade metodológica inevitável, pois as ciências educacionais estão em constante evolução para atender às demandas sociais por inovação.

É importante reconhecer e valorizar essa diversidade metodológica, pois cada abordagem pode oferecer perspectivas únicas e insights para as alfabetizadoras. A capacidade de adotar diferentes abordagens teóricas permite que as professoras construam estratégias pedagógicas mais eficazes e se tornem profissionais mais críticas em relação à própria prática. No entanto, é lamentável que algumas pessoas deslegitimem essa diversidade em favor de um único método, como o método fônico, atribuindo a ele uma eficácia exclusiva para a alfabetização.

A responsabilização das alfabetizadoras pelo fracasso dos alunos é uma simplificação inadequada da complexa dinâmica educacional. O fracasso escolar não pode ser atribuído unicamente ao método de ensino, e culpar as professoras de forma generalizada é injusto e prejudicial. A compreensão das políticas subjacentes à produção e distribuição de materiais didáticos é fundamental para avaliar a influência do método de alfabetização na aprendizagem.

A abordagem do "duelo dos métodos" destaca como a educação no Brasil se tornou polarizada e como a competição entre métodos obscureceu o papel crucial dos professores. Os métodos não devem ser considerados como soluções únicas, e a competência técnico-linguística dos professores desempenha um papel fundamental no sucesso da alfabetização.

A crítica ao construtivismo na educação mostra como a discordância em relação às teorias pode afetar o diálogo produtivo. No entanto, é essencial reconhecer que não existe um método único e universalmente eficaz para a alfabetização. A ênfase deve ser colocada na adaptação das teorias às necessidades individuais dos alunos, mantendo uma abordagem aberta à validade relativa de diferentes teorias e práticas.

Paulo Freire é/e foi citado como um exemplo de educador que buscava constantemente novos conhecimentos para aprimorar sua compreensão da alfabetização. Sua disposição para se apropriar de contribuições de diversas disciplinas, incluindo a psicolinguística e a sociolinguística, destaca a importância da multidisciplinaridade no campo da educação. Freire também enfatizou a relação entre alfabetização e cidadania, uma perspectiva que continua a ser relevante nos estudos contemporâneos de letramento.

É bom observar o grande avanço de que nós educadores dispomos hoje no campo da alfabetização, grandes avanços que nos chegaram exatamente das pesquisas psicolinguísticas, sociolinguísticas, dos psicólogos do conhecimento, dos etimologistas, gente que se preocupa com o processo de conhecer, de construir o conhecimento, uma meia dúzia de nomes hoje muito famosos, alguns mortos, sem cujo trabalho, sem cujo estudo, a gente fica meio no ar para compreender essa questão da alfabetização (FREIRE, 2014, p. 155).

A reflexão sobre métodos de alfabetização no Brasil deve ser conduzida com uma mente aberta, reconhecendo a complexidade da educação e a necessidade de adaptar as abordagens para atender às necessidades dos alunos. A responsabilidade pelo sucesso da alfabetização não deve ser atribuída apenas aos métodos, mas também à competência e ao comprometimento dos professores.

[...] espera-se que o alfabetizador cultive sua teoria própria sempre aberta, em função da alfabetização do aluno: a referência maior não é a teoria, mas o aluno. Se o aluno não se alfabetiza bem, há que desconstruir a teoria. O aluno não pode ser desconstruído, precisa ser bem alfabetizado! Não se enfia a teoria no aluno, como se fosse camisa de força. Ao contrário, há que modular a teoria em função do aluno. Relativismo, ecleticismo? Não. Apenas senso de abertura pela validade relativa das teorias e práticas, e senso de aprendizagem permanente (DEMO, 2010a, p. 51).

O diálogo construtivo entre teorias e práticas é essencial para promover uma educação de qualidade, **existe um urgente esforço no que diz respeito aos alunos em vias de alfabetização** em relação as práticas de escrita mais diversificadas do que as características dos diferentes métodos de alfabetização demanda o exercício da autonomia pelas alfabetizadoras (cf. ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008 Grifo do autor)

No período histórico em que Paulo Freire escreveu "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa", o Brasil vivenciava um contexto político tumultuado, marcado pela intensa luta em prol do resgate democrático e das liberdades civis, que foram suprimidas durante o regime autoritário militar. Freire (2006) ao abordar a "prática educativa" transcendia os limites convencionais das instituições de ensino, propondo uma visão holística de emancipação do cidadão em sua totalidade.

Nesta perspectiva freiriana, o processo educativo transcende a mera preparação técnica e profissional do indivíduo para o mercado de trabalho. Inspirado pela filosofia socrática da maiêutica, Freire concebe a educação como um meio de elevação espiritual e emancipação, um caminho para o autoconhecimento e a autodeterminação. Como Freire (2000, p. 36) eloquentemente colocou, reduzir a experiência educativa a um treinamento técnico é menosprezar seu aspecto mais essencialmente humano: o seu papel formativo e transformador.

Em contraste, o contexto midiático do período de Freire era dominado por meios de comunicação de massa controlados pelas elites políticas, culturais e oligárquicas, caracterizados por uma abordagem top-down e unidirecional. Diferentemente da era atual da autonomia comunicativa nas redes digitais, conforme descrito por Castells, a maioria da população brasileira - operários, analfabetos, e os economicamente desfavorecidos - eram meros consumidores passivos das narrativas difundidas por jornais, rádios e televisão.

Foi neste ambiente de repressão política e mídia monopolizada, onde a voz do povo era frequentemente marginalizada, que Freire ganhou reconhecimento mundial. Suas ideias sobre emancipação e autonomia, especialmente voltadas para as classes mais vulneráveis, através da Pedagogia da Autonomia e da educação libertadora, ressoaram profundamente.

A noção de autonomia em Freire encontra paralelos notáveis com pensadores anteriores, em particular na Alegoria da Caverna de Platão (1990). Platão nos mostra que a libertação das sombras da ignorância é alcançada através da educação, um instrumento de iluminação e autoconhecimento. Freire (2006, p. 98) reitera essa ideia, enfatizando a escola como um espaço crítico para a prática da emancipação individual e coletiva.

Etimologicamente, a palavra "autonomia" deriva das raízes gregas *autós* (por si mesmo) e *nomos* (norma, lei), significando a capacidade de autodeterminação, de estabelecer as próprias leis ou normas. Segundo Blackburn (1997), autonomia se opõe à heteronomia, conceito em que a vontade do indivíduo é subjugada à de outros, agindo por desejos não legislados pela razão. Analogamente, na Alegoria da Caverna de Platão, a autonomia representa a aspiração humana à liberdade, ao autogoverno, à tomada de controle sobre a própria vida, simbolizada pelo ato de deixar a luz dissipar as sombras (heteronomias) projetadas nas paredes da "caverna" (alma) interna.

No pensamento de Immanuel Kant, figura proeminente da filosofia moderna, autonomia é definida como a capacidade de tomar decisões próprias, agindo como 'senhor' de si mesmo, discernindo entre o bem e o mal, o libertador e o alienante/escravizante. A autonomia, para Kant (2003), é superar a menoridade autoimposta, uma ideia que se alinha com a visão de educação como meio de emancipação.

Na pedagogia de Freire, a "Autonomia" é, essencialmente, um processo de libertação das heteronomias impostas por sistemas políticos e econômicos seletivos, opressores e excludentes. Trata-se de tornar-se um sujeito ativo, com voz e vez, autor de seu próprio pensamento e ação no mundo. Freire (2000) descreve a construção dessa autonomia como um espiral infinito, um "caminho" inacabado e contínuo, não restrito a momentos específicos, mas sim um processo constante de amadurecimento e desenvolvimento.

Portanto, a contribuição de Freire para a educação vai além de um mero processo de instrução formal. Ela representa uma jornada filosófica e prática em direção à liberdade intelectual e à autoconsciência, ecoando e ampliando as ideias de grandes pensadores como Platão e Kant. A pedagogia freiriana desafia os modelos educacionais tradicionais e propõe um paradigma em que a educação é vista como um caminho para a liberação individual e coletiva,

uma ferramenta essencial na luta contra estruturas opressoras e na busca pelo verdadeiro sentido da autonomia.

Ampliar o olhar para além do método: uma necessidade!

O contexto escolar da alfabetização desafia a visão tradicional de que o ensino se resume à decodificação das letras e à reprodução de palavras. A introdução do conceito de letramento ampliou nossa compreensão do processo. Não se trata apenas de reconhecer letras, mas de adotar práticas efetivas de leitura e escrita que permitam aos alunos navegar com sucesso em diversos contextos sociais. A alfabetização, como a primeira habilidade, concentra-se no domínio linguístico, na identificação de letras e na escrita. Por outro lado, o letramento, a segunda habilidade, se concentra na aplicação eficaz dessas habilidades em práticas mediadas pela escrita.

Esses termos, alfabetização e letramento, evoluíram ao longo do tempo, adquirindo nuances e interpretações variadas em contextos escolares e acadêmicos. Os estudos sobre letramento vão além da sala de aula, explorando como o uso da escrita e a tecnologia afetam as pessoas em suas vidas cotidianas. Isso reflete uma compreensão mais holística da alfabetização e do letramento como habilidades fundamentais para a participação na sociedade moderna.

A popularização dessas abordagens também trouxe desafios para o educador na atualidade. A apropriação desses conceitos às vezes levou a equívocos nas escolas, e críticas infundadas, como a feita outrora pelo ministério da educação, podem surgir quando não há uma compreensão sólida dessas complexas ideias. A educação não deve adotar teorias como modas passageiras, mas sim compreendê-las em profundidade e adaptá-las às necessidades dos alunos.

É importante reconhecer que alfabetização e letramento são conceitos interconectados, mas que também podem ser analisados separadamente para evitar confusões. Essa separação conceitual ajuda a evitar sobreposições inadequadas no ambiente escolar. No final das contas, a reflexão sobre esses termos revela a complexidade subjacente à aquisição da linguagem escrita e à participação eficaz na sociedade letrada.

Essa complexidade exige uma abordagem educacional flexível e sensível às necessidades e desafios individuais dos alunos. Portanto, a compreensão desses conceitos é essencial para melhorar o desempenho discente e promover uma educação mais eficaz e inclusiva. Nas palavras de Soares (2004, p. 15) embora designent processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza fundamentalmente diferentes,

envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino.

Nas palavras de Martins (2010, p. 365),

Frequentemente, os objetivos e as ações voltadas à promoção da alfabetização científica são justificados em termos da necessidade de preparar cidadãos para viver e lidar com as demandas de uma sociedade que, de forma crescente, pauta-se pela presença da ciência e da tecnologia em situações cotidianas e com a preparação para o trabalho, tomada de decisão informada e exercício responsável da cidadania.

A apropriação dos termos alfabetização e letramento fora do contexto inicial de aprendizado da leitura e escrita é um reflexo da flexibilidade e aplicabilidade desses conceitos em diversas áreas da educação. Um exemplo notável é o uso dessas concepções para garantir a educação científica da população. Nesse contexto, alfabetização e letramento não se referem apenas à habilidade de ler e escrever textos científicos, mas também à capacidade de compreender, questionar e aplicar os conhecimentos científicos no cotidiano.

A educação científica é essencial para preparar os indivíduos para lidar com os desafios e oportunidades que as ciências oferecem. Através do desenvolvimento de habilidades de alfabetização e letramento científicos, os alunos podem se tornar leitores críticos e capazes de discernir entre informações confiáveis e pseudocientíficas. Isso é fundamental em uma era em que informações científicas muitas vezes são distorcidas ou mal interpretadas.

A apropriação desses conceitos também se estende ao ensino de disciplinas específicas, como Ciências Naturais. Pesquisadores têm explorado abordagens de alfabetização e letramento científicos para promover uma compreensão mais profunda e contextualizada dessas disciplinas. Isso envolve o uso de práticas de escrita que permitem aos alunos aplicar conceitos científicos em situações do mundo real, relacionando-os a problemas ambientais e questões sociais.

Essas abordagens pedagógicas não se limitam apenas às ciências naturais, mas podem ser adaptadas para outras áreas do currículo, incluindo a educação sexual. O objetivo não é simplesmente ensinar "sexo", mas sim promover a alfabetização e letramento sexual, capacitando os alunos a compreenderem e tomar decisões informadas sobre questões relacionadas à sexualidade, saúde e relacionamentos.

A apropriação dos conceitos de alfabetização e letramento em diferentes contextos educacionais destaca sua versatilidade e importância na promoção de uma educação abrangente e relevante. Essas abordagens não se limitam à sala de aula, mas podem capacitar os indivíduos a participarem de maneira crítica e informada em diversos aspectos da vida moderna, incluindo as questões científicas e sociais que moldam nossa sociedade.

A concepção de alfabetização freiriana, como apresentada por Sasseron e Carvalho (2008), oferece uma perspectiva profundamente envolvente e comprometida com a transformação social. Ao denominá-la "alfabetização científica", os autores enfatizam a importância de não apenas adquirir conhecimentos científicos, mas também desenvolver uma capacidade crítica de compreender e transformar o mundo. Nesse contexto, a alfabetização científica é vista como um conjunto de conhecimentos que capacita as pessoas a lerem o mundo e a perceberem a necessidade de mudanças para melhorá-lo.

Embora Paulo Freire não tenha utilizado explicitamente o termo "alfabetização científica", seu trabalho é claramente congruente com essa abordagem. Em seu texto "Alfabetização em ciências", ele amplia sua própria concepção de alfabetização, enfatizando a importância da curiosidade, do questionamento e da formação de hábitos intelectuais compatíveis com a mente curiosa. Essa abordagem contrasta com a imagem de imposição de uma suposta neutralidade na educação, como exemplificada na capa da Revista Veja.

A influência ideológica e política no debate educacional é evidente, como visto na tentativa de derrubar a condecoração de Patrono da Educação Brasileira atribuída a Paulo Freire. Essa tentativa é baseada em alegações de que ele era um "filósofo de esquerda" e de que seu método foi um "fracasso retumbante". No entanto, Paulo Freire via a alfabetização como um processo político, e suas ideias eram intrinsecamente ligadas à promoção da consciência crítica e da participação ativa na sociedade.

A concepção de alfabetização freiriana e a abordagem da alfabetização científica de Chassot (2014) compartilham uma ênfase na capacidade crítica, na transformação social e no reconhecimento de que a educação não pode ser neutra. Ambas destacam a importância de capacitar as pessoas não apenas a adquirir conhecimentos, mas também a utilizá-los para melhorar suas vidas e o mundo ao seu redor. Essa perspectiva ressoa com a ideia de que a educação é um ato político e um meio de empoderamento, desafiando a imposição de neutralidade e a tentativa de silenciamento das vozes críticas na educação.

[...] o processo de alfabetização válido [...] é aquele que não se satisfaz apenas [...] com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade. A prática de alfabetização tem que partir exatamente dos níveis de leitura do mundo, de como os alfabetizados estão lendo sua realidade, porque toda leitura do mundo está grávida de um certo saber. Não há leitura do mundo que não empregnada pelo saber, por certo saber (FREIRE, 2014, p. 164).

A concepção de alfabetização apresentada aqui ressoa claramente com as diretrizes pedagógicas propagadas por Paulo Freire. Ela serve como um parâmetro valioso para diversas

situações educativas, incluindo a formação crítica das alfabetizadoras. Para Freire, o processo de alfabetização não se resume à simples decodificação de letras e sons, mas envolve um trabalho analítico que leva à conscientização do funcionamento do sistema linguístico pelo aluno.

Um elemento crucial desse processo é o uso de palavras que fazem parte do universo dos alunos, conectando a alfabetização ao contexto sociocultural em que estão inseridos. Essa conscientização não se limita ao aprendizado de habilidades linguísticas, mas também capacita os alunos a compreenderem o mundo ao seu redor e a intervirem de forma responsável e crítica. Isso implica a formação de sujeitos curiosos e autônomos, capazes de refletir sobre os objetos de conhecimento em sala de aula e relacioná-los às demandas de sua vida cotidiana.

Essa abordagem educacional não se destina apenas aos alunos, mas também se aplica às professoras. Paulo Freire enfatiza a importância da autorreflexão das professoras, levando-as a um aprofundamento de sua própria consciência e, como resultado, à sua inserção na história como agentes ativos da transformação. Elas não devem ser apenas espectadoras, mas autoras ativas de sua própria prática educacional.

A concepção de alfabetização descrita reflete as diretrizes pedagógicas de Paulo Freire, destacando a importância da conscientização, da contextualização e da autonomia na educação. Ela promove a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e transformar o mundo em que vivem, e enfatiza que tanto os alunos quanto as professoras desempenham papéis ativos nesse processo de construção do conhecimento e da consciência. Essa abordagem educacional ressoa com a visão de Paulo Freire de uma educação libertadora e emancipatória.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou enunciar a novidade (FREIRE, 2017b, p. 30-31).

O pensamento de Paulo Freire sobre a garantia da pesquisa na educação oferece uma perspectiva profundamente transformadora e reflexiva sobre o papel da escola e dos educadores na formação dos indivíduos. Ao reposicionar os objetos de conhecimento e promover a inclusão dos saberes populares, ele desafia a ideia tradicional de que o conhecimento escolar é uma mera tradução do conhecimento científico. Essa perspectiva nos convida a considerar a escola como um espaço de encontro e diálogo entre diferentes formas de conhecimento, incluindo elementos éticos, morais, pedagógicos, culturais e cotidianos.

Além disso, a ênfase na necessidade de professores serem "cientificamente letrados" ressalta a importância da formação docente contínua e da capacidade dos educadores de adaptar

métodos de ensino de acordo com as necessidades de seus alunos. Isso coloca os professores no papel de mediadores do conhecimento, capazes de articular saberes diversos de maneira significativa para seus estudantes.

É justo lembrar que as bibliotecas populares propostas por Freire ilustram a relevância da pesquisa no âmbito educacional. Ao permitir que a comunidade participe ativamente na construção e curadoria do conhecimento local, essas bibliotecas não apenas valorizam as culturas populares, mas também capacitam as pessoas a se tornarem sujeitos ativos da pesquisa. Isso reforça a ideia de que a educação não deve ser um processo unidirecional, mas sim uma troca constante de saberes, onde a comunidade desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento.

Neste diapasão, a abordagem de Paulo Freire nos lembra da necessidade de uma educação mais inclusiva, flexível e participativa, onde a pesquisa e a valorização dos saberes populares desempenham um papel crucial na formação de indivíduos críticos e engajados em suas comunidades.

Ideologias em torno do aluno: breves considerações

Atualmente, é inegável a presença do totalitarismo como uma ideologia latente e persistente, conforme identificado por Macridis (1982, p. 199). Essa ideologia, profundamente enraizada no pensamento ocidental, ameaça emergir sob certas condições sociais, transformando-se em comportamentos que refletem uma mentalidade autoritária. No âmbito educacional, essa tendência totalitária é particularmente evidente, manifestando-se através de uma abordagem pedagógica que busca moldar os alunos de acordo com a vontade e intenções dos educadores, em detrimento do desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade individual.

Essa abordagem educacional, que prioriza a obediência inquestionável e a conformidade aos objetivos preestabelecidos, configura-se como uma antítese da verdadeira finalidade da educação. No contexto escolar, os educadores frequentemente impõem um plano de curso que reflete suas próprias prioridades e interesses, negligenciando as necessidades e perspectivas dos educandos. Esse processo resulta na transformação dos alunos em receptores passivos de conhecimento, impedindo-os de exercerem sua iniciativa e independência intelectual.

A exemplificação mais notória dessa abordagem pode ser observada na figura de Adolf Eichmann, cuja experiência, segundo Arendt (1999), destaca a falha fundamental de um sistema educacional que enfatiza a funcionalidade em detrimento do pensamento crítico. Eichmann,

apesar de possuir conhecimento e convicções, demonstrou uma "total ausência de pensamento", caracterizando-se pela sua incapacidade de questionar ou compreender a natureza de suas ações.

No contexto da instituição escolar, essa tendência totalitária substitui a formação integral do ser humano, conforme concebido por Kant (1970), por um enfoque estritamente funcional. Como já aponte em Vicente (2006), essa redução da função docente a métodos didáticos mecânicos, exemplificada por questionários de múltipla escolha e exercícios formatados, evidencia uma abordagem que prioriza procedimentos em detrimento do desenvolvimento do pensamento.

Para compreender essa tendência, é crucial analisar suas origens. As teorias progressistas de Dewey (1931), por exemplo, promoveram a ideia de uma escola como um microcosmo da sociedade democrática, mas acabaram por confundir educação com adaptação social. Dewey, enfatizando o processo educativo como experiência democrática, inadvertidamente contribuiu para uma pedagogia que subordina o ensino aos processos sociais e biológicos, como observado em suas obras posteriores (Dewey, 1940, 1957).

Esse enfoque, que privilegia o "aprender fazendo" em detrimento do "aprender pensando", leva a uma concepção de educação como um processo vital infinito, focado em procedimentos de ensino autorreferenciais. Essa abordagem, ecoando o behaviorismo de Watson, define a educação como um conjunto de comportamentos observáveis em resposta a estímulos, desviando-se do desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Além disso, a pedagogia contemporânea, influenciada por essa visão procedimental, tende a fragmentar o conhecimento e a inteligência dos alunos, reduzindo a educação a um conjunto de objetivos predefinidos e procedimentos analíticos. Essa abordagem, que negligencia os conteúdos substanciais do saber, promove um ensino centrado em objetivos que são, em essência, desvinculados dos reais conteúdos de aprendizagem. Essa centralização no sujeito que visa os objetivos acaba por ocultar o conhecimento substancial, tornando a educação uma série de tarefas desconexas, focadas mais na conformidade com métodos formais do que no desenvolvimento do pensamento crítico.

A pedagogia por objetivos, portanto, não apenas fragmenta o conteúdo de aprendizagem, mas também fraciona o processo de pensamento dos alunos. Ela transforma o ensino em um mosaico de procedimentos que se autoperpetuam, sem levar em conta uma fonte de conhecimento externa ou um objetivo educacional mais amplo. Essa abordagem reduz a educação a um conjunto de capacidades físicas ou intelectuais projetadas para o futuro, induzindo no presente comportamentos observáveis e mensuráveis, mas destituídos de significado intrínseco.

Este cenário pedagógico, que privilegia a conformidade com procedimentos internos e objetivos externos, reflete uma guinada perigosa na educação. Ela transforma o aluno em um sujeito procedimental, privado de qualquer horizonte de significado. Sob essa ótica, as práticas educativas tornam-se meras ferramentas, incapazes de fomentar a reflexão crítica ou enriquecer o conhecimento do aluno. Ao invés disso, elas confinam o indivíduo em uma instrumentalização psicológica, pedagógica e estatística, conhecendo apenas as regras de seu próprio funcionamento.

Nesse contexto, a avaliação dos objetivos pedagógicos e dos resultados dos alunos é reduzida a um controle de conformidade, desconsiderando as reais condições de ensino e promovendo um conformismo intelectual e social. Essa abordagem, conseqüentemente, limita, e até mesmo ameaça, a capacidade dos alunos de se tornarem pensadores críticos e criativos.

Portanto, o atual modelo educacional, ao enfatizar um conjunto de procedimentos e objetivos sem significado intrínseco, distancia-se da essência da educação, que deve ser um esforço contínuo de pensamento crítico.

A verdadeira educação deve proporcionar aos alunos a capacidade de refletir, questionar e criar, ao invés de simplesmente absorver informações e cumprir objetivos preestabelecidos. É necessário, portanto, repensar e reestruturar o processo educativo para que ele possa cumprir seu verdadeiro propósito: o desenvolvimento pleno do potencial humano.

Considerações finais – Resistir ainda é preciso!

O debate em torno das teorias acadêmicas, especialmente no contexto político brasileiro, tem se tornado cada vez mais intenso e polarizado. Isso se reflete na forma como algumas autoridades governamentais têm compartilhado enunciados que desvalorizam o legado de Paulo Freire e as contribuições da abordagem do letramento para a alfabetização.

Os pressupostos teóricos de Paulo Freire continuam a ser uma fonte valiosa de inspiração e orientação para a pesquisa em alfabetização e formação de professores, mesmo em um contexto acadêmico contemporâneo. Isso é evidenciado pela maneira como essas ideias podem ser articuladas de maneira significativa com estudos atuais que abordam práticas educacionais. Freire nos ensina que a formação de alfabetizadoras deve ser sólida, envolvendo a compreensão de escolhas teóricas para a construção de procedimentos pedagógicos adequados aos contextos específicos. Além disso, ele nos alerta sobre as restrições teóricas e metodológicas que devemos enfrentar, destacando a necessidade de flexibilidade e adaptação.

O legado de Paulo Freire não se limita apenas à alfabetização, mas também se estende a outras áreas da educação, incluindo a educação científica. Seus princípios têm a capacidade de informar práticas pedagógicas em diversos componentes curriculares, mostrando como a pedagogia de Freire pode ser uma fonte de inspiração e orientação em diferentes contextos educacionais. A pesquisa e a prática docente podem ser enriquecidas ao adotar os conceitos e abordagens freirianas, destacando a importância da investigação na formação de professores.

É importante notar a relevância da abordagem da educação científica para o ensino de línguas e a formação de professores no campo da Linguística Aplicada. Isso demonstra como a influência de Freire pode transcender as fronteiras disciplinares, permitindo uma compreensão mais ampla e interdisciplinar da prática investigativa. No cerne dessa jornada está a resistência, a persistência em promover uma educação mais significativa e inclusiva. Resistir é fundamental para continuarmos evoluindo e aprimorando nossos métodos de ensino e pesquisa, à medida que buscamos constantemente uma educação de qualidade para todos os alunos.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G.; FERREIRA, A. T. B. (2008). As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, nº 38, pp. 252-264.

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de filosofia* Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CARVALHO, M. (2005). *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis: Editora Vozes.

DEWEY, J. *Schools of tomorrow*. New York: Putman, 1931.

DEWEY, J. *The philosopher of the common man*. New York: Putman, 1940.

DEWEY, J. *My pedagogic creed*. New York: Kellog & Co., 1957.

DURKHEIM, E. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Gallimard, 1975.

CHASSOT, A. (2014). *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. 6ª ed. Ijuí: Editora Unijuí.

DEMO, P. (2010a). *Saber pensar é questionar* Brasília: Liber Livro.

DEMO, P. (2010b). *Educação e alfabetização científica* Campinas: Papyrus.

FREIRE, P. (1990). O analfabetismo da alfabetização nos Estados Unidos. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz & Terra, pp. 69-87.

FREIRE, P. (2008). Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular. 1ª ed. Itaiatuba: Villa das Letras Editora.

FREIRE, P. (2011). A importância do ato de ler em três artigos que se completam 51ª ed. São Paulo: Editora Cortez.

FREIRE, P. (2014). Pedagogia dos sonhos possíveis 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

FREIRE, P. (2017a). Educação como prática da liberdade 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

FREIRE, P. (2017b). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 55ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento. Espaço Acadêmico, Cascavel, PR, n. 31, 2003.

MARTINS, I. (2010). Letramento científico: um diálogo entre educação em ciências e estudos do discurso. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.). Cultura escrita e letramento Belo Horizonte: Editora da UFMG, pp. 263-389.

MACRIDIS, R. Ideologias políticas contemporâneas. Brasília: UnB, 1982.

PLATÃO. A República 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

SOARES, M. (2002). Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). Linguística da norma São Paulo: Edições Loyola, pp. 155-177.

SOARES, M. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação n° 24, pp. 5-17.

VICENTE, J.J.N.B. Reflexões e posicionamentos. Goiânia: Ed. Vieira, 2009.

SOBRE O AUTOR:

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos. Doutorando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade USP/IEA. Sócio(a) da SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro da Rede Nacional da Ciência para a Educação- CPe. Contribuição para a autoria: escrita do texto. <https://lattes.cnpq.br/3941575427040698>

Como citar

SANTOS. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. Embates ideológicos em torno do aluno: a alfabetização no brasil a partir dos ensinamentos de Paulo Freire. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e14304, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.14304>.